

TRIBUNA Livre

28
DEZEMBRO
1963

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

1964 - Perspectiva

São necessários mais terrenos para construção

Um apelo aos donos de terrenos e à Ex.^{ma} Câmara

Uma das mais importantes realizações dos últimos 6 anos, em que esta parte da Vila progrediu duma maneira destacada e efectiva, foi a que um punhado de Feiranovenses, levou a cabo e que consistiu em conseguir que vários proprietários vendessem terrenos destinados a construções urbanas.

Foram assim negociados terrenos no valor de várias centenas de contos e as construções sucederam-se a um ritmo tal que hoje e já tradicional ouvir dizer-se que esta terra não parece a mesma.

Houve também a felicidade de estar na efectividade uma Câmara que tudo auxiliou e facilitou, deixando abrir ruas, e estradas partindo daqui, em cujos terrenos laterais se construíram e estão a construir numerosas casas.

Os próximos anos vão trazer-nos grande progresso, já assegurado com grandes construções como a constru-

ção do Hospital, da Sede da Casa do Povo, e do Cine-Teatro e parque anexo, da Sede da Sopa dos Pobres e ainda de construções de grande vulto, já projectadas e com terrenos adquiridos, que muito nos vão engrandecer, não esquecendo o Palácio da Justiça, que a Câmara tem esperança de ver construído.

Continuam aqui a ser procurados terrenos para construção, não só pelos filhos da terra, como também pelos de outros concelhos e por portugueses em França, graças à nossa esplendida localização e às comodidades e comunicações que oferecemos.

O futuro é deveras promissor, se todos nos interessarmos por ele. Todo o proprietário tem vantagem em vender esses terrenos, porque os preços correntes são altamente compensadores.

Todos gostam de construir aqui, pelo que é necessário

Continua na 5.ª página

MULHER, ESPOSA, MÃE

Jackeline Kennedy

Muito se tem escrito, em grande e minúsculo estilo, acerca da trágica morte do Presidente da República dos Estados Unidos da América do Norte.

Muito está demonstrado quanto à eficiência das balas assassinas da metódica organização do seu fim e outras coisas mais que não estão para este arrazoado mas para aqueles que tentam por este meio fazer investigação de conta-própria.

O nosso campo é outro, não por diversão, mas pela necessidade de colocar a

gem da outra são apenas e unicamente o seu mundo.

A morte do Presidente Kennedy trouxe, depois da sua vida recheada de esclarecimentos substanciais para que tivéssemos acreditado num Amanhã mais são, através de uma aura social digna e concorrente da coerência entre o pensamento de elite e o vulgar, trouxe— dizemos nós — mais algo a acrescentar ao muito que a sua vigorosa personalidade, cheia de Juventude, uma indicação feliz de que a mulher americana, longe

pelo Amor que dedicou ao Marido.

Jackeline, sofredora como poucas, a despeito de dar a ideia de uma mulher feliz, era-o de facto na sua excelente vida de dona de casa, cujo marido rico, extremamente rico, lhe proporcionava todo o bem estar numa esteira de felicidade ímpar. Mas ele, o grande Presidente, mercê da mulher que adorava, disse um dia sintetizando a vida feminina:

«A mulher de um Presidente deve adaptar ao novo mundo em que vai viver as suas próprias inclinações, personalidade e temperamento.

As mulheres dos presidentes não são pessoas oficiais. A sua responsabilidade como dona do lar é exactamente igual à de todas as mulheres do mundo, como dirigente da casa e mãe de família. O primeiro dos seus deveres é consagrar-se ao marido e aos filhos. Naturalmente que se o marido é Presidente tem de se consagrar a uma tarefa mais pesada, convertendo-se particularmente a um critério especial, sem prejuízo das suas intrínsecas qualidades de mulher e de mãe. Exactamente por isso Jackeline tem de dedicar toda a sua energia a viver o mais normalmente possível em circunstâncias anormais, para bem dos nossos filhos.»

(Continua na 5.ª página)



A influência social do Teatro

Desde que a Arte é uma das mais nobres manifestações da actividade cultural do homem e considerando que o teatro é dessas actividades uma das mais prestigiosas e antigas, caberia realmente determinar qual teria sido e é ainda hoje a sua influência na vida.

É certo que a Antiguidade lhe dedicou grande e particular atenção, como o provam exuberantemente os ecos que até nós chegaram da Grécia e de Roma de outra. Reunindo esses ecos e classificando-os na medida em que é possível, pode ficar-se, com uma ideia do que era o teatro há dois mil anos e qual a trajetória da sua evolução triunfal até ao dia em que, encontrando pela frente o cinema, viu erigirem-se pela primeira vez no seu caminho sérios obstáculos à sua ascensão, que parecia irreprimível.

Provada, portanto, a existência do teatro, desde épocas distantiíssimas, e advinhando-se, aliás facilmente, que a sua influência devia ter

sido grande na vida social e cultural dos povos, não só como mero elemento de deleite, mas até como poderosa arma de exaltação, crítica ou inovação, compreender-se-á, consequentemente, como era justificado a simpatia e até o carinho, senão o respeito, outrora bem merecidamente de-

Continua na 5.ª página

Vão instalar-se, na Casa do Povo, os Serviços Médico-Sociais

A Casa do Povo da Feira Nova recebeu, esta semana, a indispensável aparelhagem para funcionamento dos Serviços Médico-Sociais. Assim, e em breve, os mesmos Serviços passarão a funcionar naquele organismo para benefício dos seus associados.

Juntamente aquela Instituição recebeu mobiliário para a sua nova sede.

Mulher no seu devido lugar, em todas as latitudes.

Tudo que vem da América do Norte traz invariavelmente a indeleável marca de Hollywood. Daí ter a mulher americana ante a europeia ficado diminuída na sua aliciante comunidade, tão depauperada aos olhos do mundo, que todos hipoteticamente a tomam pela frívola desportiva, que as pugnas desta e a maquilha-

daquela fragilidade e frivolidade que lhe é imputada, tem no íntimo certo da alma feminina todos os elementos essenciais da sua estirpe.

Jackeline Kennedy, dinâmica, exuberante, mulher independente como houvera de se-lo quando rapariga solteira, trabalhadora incansável como jornalista pura, transformou o seu «eu»

SARMENTO E DOURADO no F. C. de Amares

Assinaram, esta semana, a documentação referente à sua transferência para o F. C. de Amares, os jogadores Sarmiento (ex-F. C. do Porto) e Dourado (ex-F. C. de Famalicão), os quais representarão o seu novo clube no campeonato que se avizinha.

O primeiro dos elementos já alinhou no jogo feito no domingo passado.

TRIBUNA AGRÍCOLA

Notas sobre a laranja e seus derivados

É de todos conhecido o incremento da cultura de citrinos nos últimos anos traduzindo o esforço dos agricultores de certas regiões no sentido de procurarem obter uma mais elevada rentabilidade da terra. Esta expansão provocará, porém, o aparecimento de problemas, de que todos devemos ter consciência, dado que só assim poderemos chegar a uma solução satisfatória.

O aumento da produção faz prever a revisão de todo o circuito económico, visto que a saturação do mercado interno obrigará à conquista dos mercados internacionais, com a inerente criação de um dispositivo que permita condições favoráveis frente à concorrência.

Produzir frutos de boa qualidade interna e das variedades mais adequadas para a comercialização são condições indispensáveis, mas, além disso, é necessário atender a múltiplos factores tais como uniformidade de calibre, ausência de defeitos, embalagem etc., que se resumem em boa apresentação. Os países citrícolas possuem armazéns de comercialização oficiais, cooperativos ou particulares onde se atende a esta exigência, sendo os frutos lavados, seleccionados, calibrados, tratados contra doenças eriotogâmicas, encerados, polidos e facilmente embalados.

Desnecessário é frisar o papel fundamental que eles desempenham numa boa comercialização.

Aproveitados na máxima potencialidade os frutos para consumo em natureza, resta um refúgio: aqueles que por dimensões reduzidas, ataques de pragas e doenças ou acidentes fisiológicos não têm condições para serem aceites pelo público consumidor. É neste sector que a indústria é chamada a colaborar de maneira a conseguir o

total aproveitamento da produção, trabalhando com a matéria prima sem valor para consumo directo, de forma a conseguir produtos derivados, normalmente concentrados, sumos e óleos essenciais em condições de custo que permitam a sua introdução nos mercados internacionais.

Além da valorização dos frutos de 2.ª qualidade, temos que assinalar os serviços que presta, quando, mercê de uma produção normalmente alta, há grandes excedentes impossíveis de comercialização.

Posta a questão nestes termos verifica-se que a indústria pelas suas próprias características não é concorrente no comércio da laranja, antes o completa e apoia, aproveitando frutos de reduzido ou nulo valor para consumo em fresco e obtendo através de transformação uma maior valia de produtos.

Visto rapidamente o apoio que a indústria pode dar ao comércio, vamos ver também em traços largos os produtos que ela tem para oferecer.

O mais antigo e de mais largas tradições é o concentrado de sumos, embalado em barris de madeira parafinada interiormente e conservado com anidrido sulfuroso. O sumo é concentrado pelo vácuo em aparelhagem mais ou menos aperfeiçoada, mas o produto mercê da perda de aroma do choque térmico sofrido e da necessidade de adição de sulfuroso, não tem qualidade para ser utilizado directamente pelo público e assim é absorvido em regra pela indústria de refrigerantes.

Não se verificou nos últimos anos aumento apreciável no seu consumo talvez por circunstâncias alheias à qualidade. Legislações que consentem a fabricação de laranjadas sem laranjas, a preferência do público por refrigerantes

de outras espécies e a difusão sobretudo em Inglaterra do célebre «cominnuted» em que se aproveita não ao o sumo mas praticamente toda a laranja, podem explicar que o aumento do consumo de refrigerantes influencie fracamente o mercado deste tipo de concentrado. É de esperar que esta situação se modifique, graças a disposições legais, conduzindo os fabricantes de laranjada a empregar matérias-primas mais de acordo com a designação. Nos Estados Unidos, onde existe relutância no emprego de aditivos quando estes não são absolutamente necessários, está abolido o uso de sulfuroso, sendo o produto enlatado depois de esterilizado.

Também é notável a aceitação de sumo fresco que atinge enormes proporções cidades norte-americanas. O sumo refrigerado é distribuído diariamente em garrafas de vidro através da cadeia distribuidora de leite. A título de curiosidade citamos a construção expressa de um navio de grande tonelagem, o Tropicana, que em tanques com sistema de frio faz o transporte de sumo da Florida para abastecimento de Nova Iorque.

O sumo desidratado não tem neste momento interesse comercial.

É imensa a gama de subprodutos industriais obtidos a partir da laranja. A eles voltaremos noutra oportunidade.

Concentrado de tomate

Conforme notícias provenientes de Londres, o limite de 60 campos, admitidos para bolores, nos concentrados para tomate em 1962, foi reduzido para 50 campos em 1963.

O controlo de bolores provocou prejuízos ao concentrado italiano, especialmente, pelo facto da produção portuguesa, espanhola e malteza ter dado concentrados com bolores abaixo de 50 campos e terem oferecido, no início da campanha, o produto em base de concorrência.

O mercado do concentrado de tomate apresenta-se com uma situação algo incerta. Diversos importadores queixam-se da falta de entrega do produto, por parte de firmas italianas.

Em Setembro, os contratos concluídos foram de escassa importância quanto aos industriais italianos, pois estes além de não estarem dispostos a tomar novos compromissos, encontram-se em dificuldades para manter os já assumidos.

Sabe-se de ofertas de concentrados de tomate de Espanha na base de 82,84 libras esterlinas Ton/FOB; no entanto após os primeiros contratos assumidos, os exportadores espanhóis manifestaram uma tendência para o aumento dos preços pedidos. Também a mercadoria portuguesa teve cotação da ordem das 82,85 libras esterlinas a Ton/FOB.

Para o produto italiano registaram-se as seguintes cotações:

Duplo concentrado 85/95 libras Ton/FOB
Tríplo concentrado 100/106 libras Ton/FOB.

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	56\$00
Semestre	28\$00
Ilhas	
Avião—ano	50\$00
Semestre	25\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

LOCALIZAÇÃO DAS POCILGAS



ERRADO



CERTO

EM RELAÇÃO AOS NÚCLEOS HABITACIONAIS, AS POCILGAS DEVEM SER CONSTRUÍDAS DO LADO PARA ONDE SOPRA HABITUALMENTE O VENTO. EVITA-SE ASSIM QUE OS CHEIROS DAS POCILGAS SEJAM ARRASTADOS PARA AS CASAS DE HABITAÇÃO.

VENDE-SE
PROPRIEDADE COM ÁGUA
PERTO DA VILA DE AMARES
Informe esta Redação

Visado pela Comissão de Censura

**Telef. dos B. V. de
Amares: 62162**

Terras do Bouro no espírito de Manuel A. Barreto Marques

Os preconceitos dum Chefe

Se pretendermos caminhar paralelamente ao lado dos Povos civilizados e sobre-desenvolvidos, teremos que tomar em atenção e analisar com o devido e merecido interesse todos os princípios e meios que esses povos empregam para alcançar os fins desejados, isto é, para encontrar a solução suficiente e satisfatória para os seus principais problemas nacionais. Essa solução pode vir a ser útil para nós; e a solução dos nossos problemas também pode inspirar utilidade para esses mesmos Povos.

De qualquer forma, e postas as coisas ordenadamente no seu devido lugar, todos os Povos que se esforçam por encontrar meios de beneficiar e engrandecer a vida da Humanidade, são sempre dignos e merecedores da nossa admiração, estima e gratidão.

É de lamentar, porém, que no século em que vivemos, pouco ou quase nada se aproveite, ao fim de tantos esforços e dispêndios, em benefício do Bem-estar da pobre Humanidade...

Mas isso não obsta a que procuremos sempre e ansiosamente, remediar males crónicos e prejudiciais à sociedade.

Há sempre um gravíssimo problema, entre todos os Povos e que naquela ocasião em que tem de ser submetido à apreciação e prova, é tão complicado e tão difícil de resolver. *Esse problema subsiste na escolha de um Chefe, para administrar, governar e servir um Povo.*

E Chefe pode considerar-se o filho que o pai escolheu para ser o verdadeiro e legítimo continuador da exploração das suas propriedades, da administração e do bom nome; Chefe pode considerar-se o presidente da Junta de Freguesia, em quem a Família Paroquial deposita a administração do património comum e de todos os progressos e interesses da freguesia; Chefe pode considerar-se o presidente da Câmara em quem todo o Concelho deposita confiança, e entrega a administração e desenvolvimento de todos os bens e valores municipais e gerais do Concelho, a defesa e representação dos respectivos municípios junto das entidades superiores, a reparação, conservação e expansão de todo o património Municipal daquele que já existia e mais o aumento progressivo daquele que seja necessário aumentar, construindo; Chefe por considerar-se o presidente da República ou o Rei, que administram, orientam e

comandam toda a grande Família, que é uma Nação.

Posta esta verdade, verificamos, então, que o arcano da incógnita subsiste na escolha do Chefe—escolha fundamentada na sincera e boa vontade de acertar... se é que para isso se chegou a emprender algum esforço...

Ora, se algum proveito procuramos encontrar na evolução dos princípios e costumes daqueles Povos que nós somos obrigados a reconhecer como sobre-desenvolvidos em matéria de civilização e progresso, verificamos o seguinte:

—Em antes de se confirmar a escolha; em antes de dar princípio a uma propaganda eleitoral; em antes de o pretendente (ou pretendentes) apresentar a sua candidatura, ele tem todo o cuidado e prudência em elaborar um programa (sem o qual não será aceite a sua candidatura), que há-de servir de preconcebida guia, apreciação, crítica, concórdia para uns e talvez discórdia para outros, conforme o ardor das delerías paixões políticas... e, tudo o mais, que há de regulamentar todo o futuro do seu mandato (caso seja eleito), e que é finalmente, e principalmente, o finca-pé de todo o eleitorado; o alvo para onde se vão dirigir todas as atenções e todos os interesses. E então, evidentemente, logo surgem de todos os cantos, as críticas. Uns começam a afirmar, ansiosamente:—o candidato dá esperanças de vir a ser o bom Chefe, porque já fez esta ou aquela obra... em proveito dos povos da sua Região; já se esforçou por remediar este ou aquele mal; já administrou progressivamente, esta ou aquela organização, etc., etc.; *mas isto, só se de facto os factos apontados condizem com o todo geral da sua vida.* Todavia, podem surgir outras pessoas a afirmar:—poderá dar bom... mas no decurso da sua vida passada, não se regista qualquer obra ou acção social pelos quais o seu semelhante tivesse beneficiado, e nunca deu provas de amar o povo que tem servido... Isto são coisas extraordinárias, mas muito susceptíveis de se verificar nessas ocasiões. E quase sempre a voz do Povo é a voz de Deus...

Ora esse programa a que me venho referindo não é mais nem menos do que um público relatório, cuidadosamente elaborado, em que critica por vezes, tudo o que parece estar mal feito... e tudo o que se devia procurar fazer melhor... Nele apontam males que se cometeram... e que se deixaram de realizar... (mas o candidato terá toda a preocupação de puxar a man-

ta para si...). Logo, esse programa oferece, geralmente, aspirações a uma vida melhor e nova, e irá servir de guia e pôr à prova o futuro dum Povo; *por esse programa se poderá apreciar também as aspirações e o interesse, o íntimo e a índole da pessoa candidata.* Feita esta destrição e apreciação, facilmente se poderá chegar à seguinte conclusão:—Certamente que, qualquer candidato, neste caso, se achesse e apresentar em programa em que afirmasse:—... se eu fosse eleito, apenas me interessaria de guardar o tesouro nacional... de mudar esta ou aquela sede de concelho... E quanto a obras e melhoramentos... nem me interessaria o que já se fez, nem o que seria preciso fazer-se...

—Eu poderia garantir que tal candidato nem um único voto chegaria a verificar a seu favor... e, certamente, seria logo corrido pelas massas eleitorais...

Haverá, porventura, quem duvide destas verdades?!

Evidentemente que não. E então nós, em Terras do Bouro, seremos um Povo; inteiramente atrasado?... —Poderá haver lá de tudo... *mas também por lá existe, felizmente, alguém com competência e com olhos de ver... para ver e compreender...* e com força suficiente para correr os nossos inimigos... *E inimigo é todo aquele que despreza e prejudica os nossos costumes, as nossas aspirações, os nossos bens, os nossos interesses tanto referentes à Sede do Concelho como a qualquer outro lugar, mesmo que seja o mais afastado, abandonado ou distante. Terras do Bouro tem os seus limites bem definidos; e tudo quanto se encontra dentro desses limites é, e será sempre, através do infundar dos séculos... Terras do Bouro, com a sua Sede em Coras, e só em Coras... Compreendido, ou não?!*

Para exemplo, haja em vista o que se passou com a Sede da Casa do Povo da Ribeira e... parece que não será necessário mais lidima gesta... e fiquemos por aqui... na certeza porém, de que o nosso pacato Povo, quando vir perigar os seus interesses e direitos, logo aparecerá a dar sinal de brio, coragem, altivez, espírito bairrista, e saberá defender com heroísmo e dignidade os seus legítimos interesses.

—Acho oportuno fazer aqui uma sincera observação:—é que eu nem comungo dos ideais liberais nem democráticos. Faço esta observação única e exclusivamente, com o fim de afastar superstições a respeito dos meus artigos...

Mas, porque sou devotamente bairrista, e amo ferve-

samente a Terra onde nasci, não posso concordar, (e nunca concordarei) que se nomeie um Chefe sem prévia consulta, esmerada escolha, sagaz apreciação e seguro índice de completas qualidades de bom chefe, exigindo-se-lhe em princípio, a elaboração e apresentação em público, (e porque não sob juramento?), do tal programa, de acção, pelo qual teria que se orientar e seguir, rigorosamente, no decurso do seu mandato.

Ora, nomear um Chefe (seja ele qual for) como costume fazer aquele festeiro, que entrega um fontoche, por ocasião da festa, a qualquer rapaz ou gaiato, para se exibir, de rua em rua, atraindo e animando os torasteiros... deve ser uma precipitada e imprudente solução, inteiramente contraproducente.

Pois então, meus caros leitores, fiquem-se com esta:—Ninguém mais que nós (o Concelho de Terras do Bouro), precisa de ver elaborado e executado um futuro programa de acção, de trabalho, de realizações municipais, que é necessário compreender e empreender, o mais urgente possível, custe o que custar. E, quanto à cultura exigida para ser um bom Chefe dum Concelho Rural, e, atendendo a que a cultura quase nunca se irmana ou relaciona com a competência, acho interessantíssimo aplicar ao caso em discussão aquele velho adágio:—*Um paroco da aldeia... basta que escreva e leia...*

Pois bem, dentro dum Concelho Rural, é necessário colocar um Chefe que, acima de tudo, compreenda e viva os assuntos agrícolas; que conheça, aprecie e resolva todas as necessidades da Região; que conheça e sinta as grandes misérias dos Povos!.. que esteja habituado a percorrer, palmo a palmo, por sol e por chuva, por vento e por frio, aqueles míseros e intransitáveis caminhos, por onde as próprias bestas só transitam à força de muita imposição e grande descarga de pancadaria; que sinta, sinceramente, a boa vontade de levar o progresso, a higiene e o bem-estar, a todos os recantos do Concelho, com a lidima convicção de que... toda essa gente, boa de origem, é bem merecedora das mesmas regalias, dos mesmos direitos e dos mesmos benefícios, comuns ao Concelho e à Nação; enfim, que viva inteiramente para o Povo, e que traga, constantemente na sua alma, cada um dos municípios (pobres e ricos, sem excepção), para que cada município seja obrigado, por dever de reconhecimento, a trazê-lo igualmente dentro do seu coração com toda a sinceridade.

Isto deve exigir-se... mais... será asneira...

Quanto ao futuro programa a elaborar e empreender, no nosso Concelho, nunca poderemos concordar que se fique para alguém do seguinte:

1.º—Construção da Estrada de ligação de Terras do

Bouro a Caldelas (cujo projecto já se encontra elaborado e aprovado), pelos centros das freguesias de Chorense, Balança, Ribeira, Souto e Sequeiros, e junto, das suas respectivas Igrejas. É por aí que se acham dispersos os principais produtos agrícolas:—os vinhos e as madeiras, principalmente, e é também por aí que se deve proceder ao principal tráfego agrícola da Região; porque, sem meios de comunicação, os nossos produtos não são procurados e, quando o são, metade do seu valor sai para os carros e, mais ainda; quando aparece um comprador, fica cheio para sempre... e não aparece mais;

2.º—Alargamento da pobre Sede do Concelho, desde a curva da Estrada Nacional, no lugar denominado das Hortas, até em frente à casa do Francisco Antunes (se me não engano no nome), e demolição do actual posto da G. N. R., já que se cometeu o grave erro de autorizar a reconstrução daquele prédio, isto é, fazer desaparecer, de uma vez para sempre, o nojento e repugnante montículo (o morro da coscuvilhice...) que é formado pelas eiras, situadas ao lado da insignificante avenida central. Alargamento rectilíneo desde o lugar de azeite até à casa do Barbosa—alargar esse peito à definhada e desprezada Sede, fornecendo-lhe ar fresco e puro, arborizando e saneando...;

3.º—Construção da Igreja Paroquial, escolha definitiva do local condigno e apropriado, (de harmonia e para bem daquela comunidade paroquial; porque Moimenta, como todas as demais freguesias, tem os seus limites e, dentro deles, todos tem os mesmos direitos e deveres para cumprir, para a sua edificação e... expropriação da velha Capela de S. Brás, (colocando-a em lugar apropriado para orações e veneração dos santos...) e de todo o todo o terreno anexo e ocupado pelo adro, (quantas responsabilidades pesam sobre aquela Câmara que cedeu esse terreno e autorizou a sua vedação...;

4.º—Electrificação das freguesias da Balança, Ribeira e Souto, se bem que todas as demais freguesias (Vilar e Chamoim por exemplo) precisem, igualmente, de serem electrificadas;

5.º—Ligação da Sede do nosso Concelho, com a Sede do de Amares, desde a Ribeira a Santa Cruz; e ligação de Chorense a Santa Izabel, e de Chorense ao Cavacadoiro, a servir o povoado de Moimenta Velha, (isto são apenas três suplementos da estrada de Terras do Bouro a Caldelas.

6.º—Prosseguimento da estrada de Cibões para Brufe e daí para os demais povoados que se acham vergonhosamente abandonados e escravizados, lá para aquelas rudes paragens, continuarão

(Continua na 3.ª página)

Flor desfolhada

DE Gota d'Orvalho

Jorge para lá se dirige com o coração pulsando de amor, pela ansiedade com que aguardava a doce entrevista. Quantas palavras de amor, quantos desabafos, quantos projectos, oh, quantos sonhos estes dois corações iriam trocar nesse dia!

Jorge colocara-se ao fundo duma dessas avenidazitas em que a terra serve de pavimento nas nossas aldeias, em cujos contornos vemos silvados e madressilvas. Consulta o relógio. A hora aproxima-se, o coração de Jorge principia uma marcha acelerada de amor, quando ao fundo da já conhecida avenida que medeia o caminho de Lúcia na sua di-ária escalada surge a silhueta morena da razão dos amores do nosso herói. Era Lúcia, que mais se apreciava um personagem da Corte Celeste! A sua frontezinha cora ao avistar-se com Jorge, que, estendendo-lhe a mão, diz numa suavidade que encanta a pequenina Lúcia e lhe faz contrair os modelados seios arfando em arroubos de amor: seja benvindo o Anjo cuja alvura me suavisa os caminhos da vida!

—Tontinho! Eu não sou nada! E deitando os olhos ao chão quase segreda na meiguice da sua voz: Jorge, por que me tratas assim? Se eu sou uma pobre rapariga cheia de defeitos...

Um dia, em sonhos, Lúcia, nesses sonhos acordados que tantas vezes sonhamos, nós que temos um coração puro e ingénuo, ouvi uma voz misteriosa que me dizia: «Não sonhes demasiado, Jorge! Eis que te destinei um anjo que te acarretará sofrimentos, mas que um dia se transformará em venturas!»

E de quem era esse voz?

—Não sei; apenas sei que nessa altura lamentava-me a Deus da dificuldade em encontrar uma rapariga que, ao contrário daquelas cuja regra é geral, fosse uma contínua respeitadora dos meus costumes e sentimentos, que me entendesse e a quem eu compreendesse também, que fosse mais tarde boa esposa e educadora daqueles rebentozinhos a quem me habituei a amar antes de os conhecer, antes da sua existência!

—Como és bom, Jorge, e como existe entre nós uma tão feliz coincidência de sentimentos! Os meus sonhos também eram iguais aos teus, também foram assim. Como tu, também eu procurava o rapaz com as qualidades que desejavas encontrar nessa rapariga, e... deixa-me dizer, encontrei em ti, meu amor!

Como me apetecia estreitar-te nos meus braços. Querida!

—Não, Jorge! Deixemos, para o futuro o que só ao futuro pertence!

Sim, perdoo, querida!

E assim, nestas conversas tão puras como felizes viveram tête-a-tête o amor que lhes inundava a alma, batendo todos os recordes no desporto Sagrado, com dez horas consecutivas, sem fome nem sede, sem mesmo cansaço, pois que o amor, o verdadeiro amor, faz viver do sublime, e o sublime mantém o corpo e a alma! Loucura? Não. Para eles, que andavam tão famintos, apenas nestas dez horas viveram dez minutos. E as aulas? Era má funcionária a Lulu? Não. Estava-se na quinta-feira da Assunção, dia anteriormente guardado, e que todas as suas colegas nesse ano resolveram respeitar.

Assim, dizendo aos Pais que ia para a Escola, fôra para outra escola, autêntica escola de aperfeiçoamento de ideais, bem compreendida como era pelos dois jovens apaixonados!

E como chegara tarde a casa, resolveu a Lulu fazer uma destas mentirazitas que em nada prejudicam: «Estive na casa da Senhora Terezinha», (que sempre se aguentava com idênticas desculpas), e muito amiga de D. Clementina.

Quanto a Jorge a esta hora, os Pais estavam aflitos com a sua extraordinária demora, e o irmão mais velho saíra já no carro à sua procura.

Tudo se harmonizara, pois que Jorge, como Lúcia, só sabiam mentir quando para estas insignificantes desculpas. Com duas palavras meigas animou sua Mãe, desculpando-se perante seu Pai, de que tinha ido visitar D. Roque de Almeida, muito amigo da família do Choupal. E para evitar contradições da parte da Família de D. Roque, resolveu ir passar lá o resto da tarde, e pedia a este que, no caso de pergunta da parte de Raúl, seu Pai, afirmasse. Que Jorge havia passado aquele dia em sua casa. D. Roque, que detestava a mentira como um dos grandes males, retorquiu: Meu caro Jorge, assim o farei, porque nunca te tendo reconhecido uma única mentira, vejo que apenas hoje o fazes por necessidade, e que, dadas as circunstâncias da realidade da tua passagem por aqui, nada obstará.

Desta estavam safos os pobres exilados do amor! Agora, como estavam próximo os exames de do 5.º ano de Lúcia, esta, a conselho de Jorge, pedira ao Pai para a deixar desistir de leccionar, pois que a sua fisionomia acusando cansaço dia-a-dia. Muito trabalho, responsabilidades muito maiores.

(Continua)

A influência social do teatro

—» (Continuado da 1.ª página)

dicado aos que representavam e se distinguiram pelo cunho de naturalidade, ou beleza com que sabiam interpretar as personagens que evocavam isto é, aos que, no teatro, eram dignos de honrosa classificação de artistas, e que, apesar das exigências que o profissionalismo origina e dos imperativos do meio ambiente, nunca se esqueciam, contudo, de que o artista não é um simples mercenário, e que até a única coisa que o distingue deste é o seu génio interpretativo ou criador, a sua dignidade, enfim, que exige liberdade de movimentos, para se poder exteriorizar em simples homenagem à verdade da vida, nas suas complexas facetas do Bem e do Mal, do Belo e do Terrível, esses grandes marcos milenários que vão assinalando as lentas caminhadas do Homem em demanda do futuro, através do labutar constante das sucessivas gerações.

O teatro não teve pois sempre, as mesmas características, visto ser natural que cada época lhe imprimisse tonalidades particulares. Na verdade, é grande a distância entre os primeiros teatros de Atenas e os concebidos pelos artistas do século XX, e patentes nas grandes capitais do mundo civilizado. Por outro lado, é de crer que o teatro resista a todas as crises que o assaltem, já que, superior manifestação de Arte, quando ao serviço do Bem e do Belo, dignifica o Homem e honra a Humanidade.

MULHER, ESPOSA, MÃE

Jackeline Kennedy

—» (Continuado da 1.ª página)

Era a voz dum marido americano de uma mulher americana, cuja consciência católica imprimia ao Povo da América do Norte o seu cunho pessoal e a universalidade das suas palavras transpunha o ideal do lar para hoje e para sempre.

Pobre senhora! Tão nova, tão inteligente, tão profundamente feminina e tão repleta de desgostos.

A vida para Jackeline não era aquele tapete rosaceo que todos julgavam: dinheiro, amor, felicidade. Não! Jackeline, antes mesmo do maior golpe, sofreu outros não menos duros, mas suavizados pela energia e o amor tranqüilo do marido.

A Senhora Kennedy, porém, tinha de sofrer tudo o que acontece à vulgar mulher da rua. Na sua lúcida inteligência, no seu carácter amalgamado pelas muitas reportagens que viveu, dever-lhe lembrado, na hora derradeira do atentado, todo o sofrimento de quem, como ela, amava na felicidade o homem que escolhera.

Esse amor translúcido permanecerá íntegro na educação filial. E a tristeza que se adivinhava no seu semblante de risonha harmonia, era a sombra real, não do mal maior, mas daquele que o Destino ti-

nha demarcado na sua rútila vivência.

Jackeline Kennedy submeteu os seus nervos a duras provas que permanecem perenemente numa mulher lídima de mocidade e de beleza física. A Senhora Kennedy em 1955 perdera um filho; em 1956 dera à luz um menino sem vida; em 1957 foi mãe, mediante uma intervenção cirúrgica que necessitou igualmente para dar vida a seu filho John em 25 de Novembro de 1960; e, finalmente, ficou, meia dúzia de dias após, sem o filho que novamente dera ao marido neste ano.

Tudo isto chegaria para preencher a sua alma saturada de sofrimento. Não chegou contudo. Havia de perder o mais íntimo do seu íntimo, na maior tragédia de todas as tragédias de que já tinha sido a protagonista: — o marido junto do seu peito de esposa amorosa e mãe amantíssima.

Triste odisséia de uma mulher, primeira representante da mulher americana, que fica na história da América do Norte como remissão do pensamento da Europa acerca da frivolidade e da feminilidade da mulher Além-Atlântico.

Não! A mulher americana na sua devoção pelo amor e pelo lar é igual em todas as latitudes. A mulher é do mundo e não tem nacionalidade. Submete-se, sofre, resigna-se e dá continuidade à vida no sacrosanto dever da propagação da espécie.

Jackeline Kennedy foi um símbolo e bastou vermo-la no funeral do seu mais querido ente, vincando bem a sua personalidade de mulher varrida pelo temporal da vida, para que nos convençamos de que era a primeira dama da América, referendando a perfeita ambiência da mulher americana.

Militão Porto

Visado pela Censura

1964-PERSPECTIVA

—» (Continuado da 1.ª página)

aproveitar e não deixar esmorecer essa iniciativa particular que temos a felicidade de ter e que é a mola real do progresso.

Temos recebido particularmente e por intermédio deste jornal, várias cartas de Amarenses no Estrangeiro a pedir informações sobre terrenos, mas esses estão a esgotar-se e já não é possível atender os pedidos, sem que da parte dos particulares e da Ex.ma Câmara hajam iniciativas adequadas.

Se a Câmara Municipal ajudar naquilo que está ao seu alcance e a Comissão de Desenvolvimento e Turismo tiver actuação capaz junto dos proprietários e interessados nas construções, o futuro desta terra será próspero e muito honrará os seus filhos.

É na valorização deste programa, e com os olhos postos nesse futuro que lançamos este apelo e que devemos entrar no próximo ano de 1964. Sejam conscientes e decididos a lutar por eles porque se todos nós, filhos da terra

quisermos, se a ampararmos neste momento decisivo em que ela, já quase caminha por si, se lhe dermos nesta fase o empurrão de que necessita, estará vencida a ladeira, que desde há 20 anos procuramos escalar, com dificuldades sem conta, entraves sem limite, e invejas sem senso.

Assim o queiram os verdadeiros amigos da terra. Assim o queira Deus.

Paulo Macedo

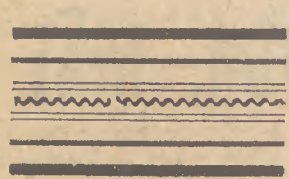


CASA FUNDADA EM 1903

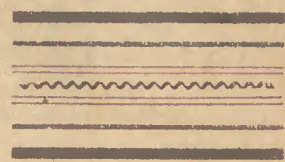
Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telef. 22526 BRAGA



DESPORTOS



O Ano Desportivo em Portugal F.C. Amares 7, F.C. Ruães 1

1963 Foi Mau para o Desporto Português

De modo geral, pode considerar-se um ano que não deixa saudades o de 1963. Não se conseguiu um só dos êxitos internacionais de temporadas anteriores, quer nos desportos de equipa, quer nas modalidades individuais.

Pedras brancas, no calendário de um ano, poucas: a realização dos Segundos Jogos Desportivos Luso-Brasileiros, que proporcionaram —para além do êxito de camaradagem que se pretende que alcancem sempre— marcas razoáveis em algumas modalidades; a campanha da selecção nacional de hóquei em patins, vencedora do Campeonato da Europa e do Torneio de Montreux, em ambos os casos conseguindo victórias sobre a equipa da Espanha, que continua a ser a principal adversária e a série de recordes nacionais de nataçao, não deixando aumentar o atrazo, há três anos reduzidos, em relação às marcas europeias.

No futebol, os factos dominantes foram: a chegada do Benfica à «final» da Taça dos Campeões Europeus de 1962-63, perdendo com o Milão e iniciando a curva descendente, confirmada pela sua eliminação da Taça, agora em disputa, de 1963-64, ao sofrer em Dortmund a derrota de 5-0, que assumiu foros de «escândalo»; a modificação do padrão de jogo dos outros três grandes —com os Belenenses e o Porto a aumentar de força mercê do trabalho dos respectivos treinadores (o português Fernando Vaz e o brasileiro Otto Glória, que regressou a Portugal para treinar o quarto «grande») e com o Sporting abandonando a força (sob as ordens de outro brasileiro, Gentil Cardoso); e, finalmente, a «bronca» que se levantou ao serem publicados os números relativos às dívidas do Benfica e do Sporting, que são, respectivamente, de 20.000 e de 23.000 contos, ao encerrar-se este ano.

No atletismo registou-se o aparecimento de um bom «sprinter», José Rocha, que nos 100 e nos 200 metros atingiu marcas de nível europeu. Basquetebol, andebol, voleibol, tennis, golfe, raguebi, remo e ciclismo e tantas outras modalidades ficaram exactamente como estavam: só servem para «consumo interno». Dos desportos de inverno continua a não valer a pena falar.

Mais grave, porém, no panorama internacional, é o recuo que se deu em algumas modalidades em que tradicionalmente eramos dos primeiros: na esgrima, em que praticamente desaparecemos; no hipismo, em que nos podemos considerar agora em lugar próximo do décimo, entre os países europeus, havendo canadianos, norte-americanos, argentinos, brasileiros, uruguaios e chilenos a formar a nossa frente; e —mais dolorosa do que todas as outras diminuições de nível— na vela, essa modalidade em que as qualidades naturais dos portugueses e o seu ancestral «tu cá, tu lá» com os oceanos melhor se evidenciavam e mais frutos foram dando.

Será tudo negro, porém, no panorama do desporto português? Nem de longe se pode pensar assim.

Em primeiro lugar, deve assinalar-se a subida de quase todas as equipas das diversas modalidades desportivas: há a tendência para o nivelamento, em bom nível de evolução, no futebol e noutros desportos de equipa.

No sector da nataçao, além dos recordes, há o alargamento da prática da modalidade a novos clubes e a construção de algumas piscinas, tanto em Lisboa como em cidades da provincia. Os métodos de treino japoneses continuam a dar resultados.

No ciclismo, há a preocupação de mandar ao estrangeiro elementos jovens, de modo a aproveitarem, ainda com idade para isso, os ensinamentos que lá fora se colhem.

Outro factor muito importante teve em 1963 confirmação e expansão maiores do que as habituais: o intercâmbio, a livre troca de desportistas entre o Ultramar e a Metrópole. E com a característica notável de estar a registar-se nos dois sentidos: se são muitos os desportistas nascidos no ultramar que vêm engrassar as hostes dos praticantes da Europa, muitos têm sido e estão a ser, nos últimos tempos, os que na Metrópole nasceram ou se aperfeiçoaram e que, ao partirem para o Ultramar em cumprimento do serviço militar, ali continuam a praticar, nas horas ou nos períodos livres, os desportos da sua preferência. — ANI

No passado domingo realizou-se, no Campo de Jogos da Feira Nova um encontro particular entre o F.C. Amares e o F.C. de Ruães, grupos que tomarão parte no campeonato distrital que se inicia no próximo mês de Janeiro.

Perante numerosa assistência e sob a arbitragem do sr. Manuel Janela, os grupos alinharam:

Ruães: —Giro, Benjes, Jones e Alvaro; Nunes e José Alberto; Luís, Orlando, Marinho, Correia e Batalha.

Amares: —Carriço, João, Eloi e Almeida; Almeida e Augusto; Martins, Pereira (Barrosa), Lúcio, Sarmiento e Santos.

Havia o interesse de ver alinhar, pela primeira vez, os jogadores Sarmiento (ex-Futebol Club do Porto) e Dourado, ex-Famalicão que acabam de assinar compromisso com o grupo local. O primeiro alinhou, mas o segundo não pôde comparecer, surgindo, a alinhar meio tempo, Barrosa, antigo jogador do Amares que veio de França passar as férias do Natal.

Sarmiento mostrou ser ainda um elemento muito útil, de toque subtil e preciso, a denunciar apurado sentido de jogo. Barrosa, fogueiro como sempre, matou o vício e ouviu os aplausos que o tornaram conhecido.

Como o Ruães, há pouco tempo, no seu campo, havia derrotado o Amares, o jogo

tinha ainda o interesse da rectificação de valores.

Durante os primeiros vinte minutos o grupo local dominou, mas sem proveito no marcador. Foi ao fim desse tempo que o marcador funcionou em toque subtil do avançado local que com o tacão deu à bola que havia sido chutada em força, o caminho das redes, perante a surpresa do guardião.

O segundo e terceiro tentos foram ainda de chutos brandos mas colocados, a não darem origem a dúvidas.

Assim terminado o primeiro tempo, o segundo começou de maneira diferente, com domínio do grupo visitante. E durante todo o tempo com períodos mais ou menos largos e incisivos, foi sempre o Ruães a andar mais perto da baliza contrária, embora pouco por mérito seu e mais por quebra da linha média local que não acorria em velocidade e força de maneira a continuar os alívios da extrema defesa, deixando que o adversário contra-atacasse.

Houve, portanto, uma quebra no Amares a significar que na linha média não há sentido de transposição do jogo ou falta de poder, o que é pior.

A avançada, viva e perfurante, chegou para fazer esquecer este pormenor aos menos atentos, fazendo golos com frequência, dada a sua superioridade frente à defesa adversária e aos bons rematantes que possui, ou que possuiu naquela tarde.

Assim, Lúcio, em duas jogadas de contra-ataque rápido fez dois golos, cada um primoroso de colocação e força, a ponto de nos ser legítimo indagar se a sorte não foi comparsa no feito. Barrosa fez um golo de insistência, filho do seu temperamento. Sarmiento marcou um golo de feitura superior que evidenciou o jogador de recursos que é.

A equipa, agora com Sarmiento e Dourado tem possibilidades, se não se iludir em demasia.

Perante um grupo forte aquela falha do meio da equipa pode fazer-se notar mais e ser fatal.

Além disso o jogo é feito com uma bola e servido pelas contingências da luta.

Uma coisa é certa, há uma equipa, está à altura das necessidades e vai representar-nos. Ainda bem e felicidades.

J. M

JOHNSON e o Jornalista

Crê-se no estrangeiro que nenhum jornalista exerce maior influência sobre a opinião pública norte-americana do que Walter Lippmann. Não é rigorosamente verdade. Pode afirmar-se, porém, que nenhum jornalista norte-americano é lido com mais atenção pelos círculos políticos de Washington —e nenhum, portanto, está em melhores condições para vir a influenciar, num ou noutro sentido, a política externa dos Estados Unidos. Influência por vezes perigosa, pois que em Walter Lippmann coincide uma mentalidade profundamente ianque e hábitos de raciocínio perfeitamente cartesianos, os quais se refletem, como não podia deixar de ser, nas suas crónicas, textos de serena e severa lógica, em que o pensamento se desenvolve invariavelmente de acordo com a clássica arquitectura do silogismo, mas em que o erro, quando o há, se encontra, também invariavelmente, na conclusão. Ai, todavia, não se trata de qualquer vício do racio-

cinio; trata-se, simplesmente, de alguma incursão da mentalidade ianque nos domínios de um verdadeiro espírito de escol, extraordinariamente lúcido e claro, a cujas luzes e conselhos já vários Presidentes dos Estados Unidos têm recorrido uma vez que em Lippmann se soma a tudo o que já dissemos um vastíssimo conhecimento do mundo e dos seus problemas.

Não admira, portanto, que fosse à encantadora casa vitoriana de Walter Lippmann em Georgetown — onde por sinal já passei uma tarde a querer entrevistar o ilustre jornalista e a ser por ele, e no fim de contas, entrevistado sobre quanto lhe interessava saber de Portugal — que Lyndon Johnson, ao regressar de Dallas a Washington, fizesse a sua primeira visita. E não é difícil descobrir o que, no seu estreito gabinete de trabalho, entre fotografias sorridentes de Roosevelt e de Kennedy autografadas com palavras de viva simpatia pelo jornalista, Wal-

ter Lippmann terá dito ao novo Presidente dos Estados Unidos. Não é difícil descobri-lo, porque Lippmann se apressou, logo em seguida à visita do Presidente, a escrever um artigo, dizendo o que Johnson deve fazer, e também o que não deve fazer, no capítulo da política externa da potência com maiores responsabilidades no mundo de hoje.

Pensa Walter Lippmann que o grande êxito de Kennedy foi convencer a Rússia a instalar-se «confortavelmente e honrosamente» dentro de um sistema de equilíbrio de forças que sem dúvida se inclina favoravelmente para os Estados Unidos. Mas em todos os outros aspectos —Europa, Aliança do Atlântico, América Latina, Sudoeste Asiático — a política do Presidente assassinado em Dallas teria sido ultrapassada pelos acontecimentos. Logo —conclui Lippmann, que, talvez, por esquecimento, não menciona a África — Johnson tem de proceder a uma revisão comple-

Continua na 3.ª página

LEIA E ASSINE O
Jornal Feminino